

UM CLAMOR DESDE OS PORÕES DA SOCIEDADE, COM COR DE SANGUE, CHEIRO DE TERRA E ROSTO DE MULHER...

Daniel S. Pereira*

O que D'us fez por mim?

O que Deus fez por mim?— eu perguntei. Ela disse, Célie! Como se ela tivesse ficado chocada. Ele lhe deu a vida, boa saúde, e uma boa mulher que ama você até a morte. Sim, eu disse, e ele me deu um pai linchado, uma mãe louca, um cachorro baixo por padrasto e uma irmã que eu, provavelmente, não voltarei a ver novamente. De qualquer modo, eu disse, o Deus para quem eu rezo e escrevo é também um homem. E age justamente como todos os outros homens que eu conheço. Insignificante, trapaceiro e baixo. Ela disse: senhorita Célie, você devia falar mais baixo. Deus pode escutar você. Deixe que ele me ouça, eu disse. Se ele alguma vez tivesse escutado as mulheres pobres e de cor o mundo seria um lugar diferente, eu posso lhe dizer isso.

Alice Walker, *The Color Purple*

Diversos são os modos como podemos compreender a vivência mística assim como diversos são os modos como ela nos é apresentada na Bíblia. Não obstante, constatamos que aquilo que prevaleceu no decorrer da história – e que hoje se manifesta com grande força em grupos de tipo neopentecostais, carismáticos e afins – é a idéia de que mística tem a ver com uma forte *experiência* de D'us¹; experiência de um D'us que se revela a nós como presença amorosa, confortante.

No contexto de uma economia de mercado globalizada, que é o contexto no qual estamos inseridos, a *experiência* de D'us carrega consigo uma idéia muito antiga que é aquela da retribuição: D'us manifesta as suas bênçãos e graças aos seres humanos concedendo-lhes saúde, descendência, riqueza e longevidade. Some-se a isso o fato de que nossa cultura – herdeira em boa medida da compreensão mecanicista cartesiana – possui a tendência de acreditar que o mundo, as coisas e as pessoas se regem por leis ou sistemas *lógico-matemáticos* previsíveis. E isto se aplica também à questão religiosa.

* Daniel S. Pereira é teólogo, mestre em Teologia, na área bíblica pelo Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, da Escola Superior de Teologia (EST). Atualmente atua junto ao Setor de Projetos Internacionais do MST.

1. Ao longo do texto usaremos a expressão D'us, lembrando-nos da tradição antiga do povo da Bíblia para o qual o nome da divindade é impronunciável. As únicas vezes nas quais utilizamos a expressão *Deus* é nos casos de citação textual.

Conseqüentemente, em nossas Igrejas e grupos existe a tendência de acreditar que determinadas práticas ou exercícios poderão nos conduzir a uma *experiência* mais profunda de D'us. Indo além: chegamos ao absurdo de afirmar que as pessoas só realizarão uma *experiência* mais profunda de D'us se, e somente se, realizarem aquelas práticas. Em outras palavras, inverte-se a lógica da relação entre D'us e o ser humano, de modo que este último passa a determinar a ação divina (pelo menos na sua imaginação).

No entanto, o nosso olhar para a questão da mística aponta numa outra direção. Queremos ir além do senso comum pietista e olhar para a questão da mística a partir do cotidiano de nosso povo: das pessoas pobres, vítimas da violência econômica e física; dos milhares de pessoas sem terra ou sem teto, obrigadas a dormir debaixo de lonas, à beira da estrada ou ao relento das ruas.

Clamor que brota, principalmente, da boca das mulheres, como no relato de Ne 5,1-5:

Foi grande, porém, o clamor do povo e de suas mulheres contra os judeus, seus irmãos. Porque havia os que diziam: Somos muitos, nós, nossos filhos e nossas filhas; que se nos dê trigo, para que comamos e vivamos. Também houve os que diziam: As nossas terras, as nossas vinhas e as nossas casas hipotecamos para tomarmos trigo nesta fome. Houve ainda os que diziam: Tomamos dinheiro emprestado até para o tributo do rei, sobre as nossas terras e as nossas vinhas. No entanto, nós somos da mesma carne como eles, e nossos filhos são tão bons como os deles; e eis que sujeitamos nossos filhos e nossas filhas para serem escravos, algumas de nossas filhas já estão reduzidas à escravidão. Não está em nosso poder evitá-lo; pois os nossos campos e as nossas vinhas já são de outros.

Clama-se à humanidade e desta não se encontra a solidariedade, mas a indiferença. E são as mulheres as primeiras a erguer sua voz, num clamor que sai das entranhas, ao verem a vida mesma ameaçada nos seus filhos, companheiros e companheiras e nelas mesmas.

Clama-se à humanidade, mas esta permanece indiferente. Clama-se a D'us, mas ele é surdo aos nossos apelos. É por isso que podemos afirmar que o cotidiano do qual falamos é aquele no qual as pessoas experimentam D'us pela sua ausência, a qual suscita a pergunta: o que D'us fez por mim?

Em resposta, descobre-se uma relação desigual, de violência e chantagem, de uma sedução desleal, como diria o profeta Jeremias: *Seduziste-me, Yhwh, e eu me deixei seduzir. Foste mais forte do que eu e vencestes* (Jr 20,7). E diante da negação da vida e da dignidade, o mundo é a grande blasfêmia de D'us, pois:

*Noutros tempos, blasfemar contra Deus era a maior das blasfêmias; mas Deus morreu e com ele morreram as blasfêmias. Agora, o mais espantoso é blasfemar da terra, e ter em maior conta as entranhas do impenetrável do que o sentido da terra.*²

2. NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Martin Claret, 2002, p. 25.

D'us, onde estás?

*Que Dios ayuda a los pobres,
puede que si y puede que no,
pero es seguro
que almuerza
a la mesa del patrón.*

Atahualpa Yupanqui

A sociedade contemporânea apresenta-se, perante nossos olhos, como um aparente paradoxo. Por um lado, assistimos de maneira deslumbrada para o conjunto de inovações tecnológicas, que chegaram para nos trazer maior conforto, agilidade – *time is money*, dizem estupidamente os estadunidenses.

Mas o preço que é pago por estes supostos avanços é muito alto: é a condição de miserabilidade de seres humanos que passam a ser vistos como massa sobrando, como meros produtos descartáveis. Trata-se, pois, de uma realidade estrutural, donde a riqueza é construída despossuindo os pobres dos meios sociais de produção.³ E em meio a esse contexto, de total vulnerabilidade, a pergunta que as pessoas se colocam é: D'us, onde estás?

Há algumas décadas atrás, no auge da Teologia da Libertação (TdL) Gustavo Gutiérrez escrevia uma das suas mais importantes obras: *Falar de Deus a partir do sofrimento do inocente*. Trata-se, sem sombra de dúvida, de uma análise cuidadosa e profunda do livro de Jó, tendo como ponto de partida a realidade de sofrimento dos milhares de pessoas empobrecidas de nossa América Latina. A conclusão a que o autor chega é que na situação mais profunda de sofrimento é que as pessoas conseguem descobrir o rosto *verdadeiro* de D'us: um D'us solidário que resgata os pobres, o *Go'el* (Jó 19,25-26).

No entanto, quando olhamos para o contexto da sociedade contemporânea percebemos que, ao invés das pessoas pobres terem alcançado a sua libertação, pelo contrário, elas hoje se encontram mais distantes dela. Constatamos assim que:

- a) A TdL assumiu uma posição muito ingênua com relação aos pobres, de modo a idealizá-los. O pobre do qual muitas vezes se fala, em termos de experiência de D'us, talvez não exista, ou seja, trata-se na verdade de uma projeção do nosso imaginário religioso.
- b) Por sua vez, a idealização conduz a uma imobilidade, pois, assim como olhamos os pobres de maneira idealista, assim também concebemos a nossa sociedade, passando a afirmar que basta termos pessoas conscientes para realizar uma ação transformadora.

3. ELLACURIA, Ignacio. Los pobres, lugar teológico en América Latina. In: *Misión Abierta*, Noviembre, v. 74, 1981, p. 227.

Ora, a questão fundamental é que esquecemos de uma grande verdade: “O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral. Não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência”⁴.

Se a mística que nasce dos pobres não é aquela de descobrir no sofrimento a presença do *Go'el*, o D'us que resgata o pobre e injustiçado da sua condição de opressão, qual é então a mística que reconhecemos nessas pessoas?

Ora, a mística que conseguimos reconhecer nessas pessoas é aquela que nasce dos porões da sociedade. Trata-se de um clamor que brota da terra, negada, roubada, manchada pelo sangue de quem é assassinado em nome do *sagrado direito à propriedade privada*.

Deste modo, o sistema capitalista nega a dignidade das pessoas, fazendo delas meros objetos de consumo e mercadoria. E quando as pessoas não têm mais condições de vender sua força de trabalho passam a ser consideradas massa sobrando, condenadas a total miserabilidade, sendo obrigadas a viver nas ruas de nossas cidades, nas calçadas ou debaixo de pontes e viadutos ou debaixo de lonas pretas, à beira de nossas estradas ou rodovias.

D'us, onde estás? Trata-se, as mais das vezes, de um grito que ecoa no vazio. Por um lado, a resposta humana outra coisa não é senão a inversão da realidade, de modo que as vítimas da exclusão passam a ser vistas como responsáveis pela situação à qual estão submetidas. Mas não somente isso; trata-se da evidência mais clara de uma sociedade que fechou as suas entranhas diante do sofrimento do semelhante:

“Um homem com apenas tocos em lugar de braços e pernas estava mendigando à beira da estrada. Fiquei tão cheio de remorsos a primeira vez que o vi, que lhe dei uma esmola. A segunda vez dei-lhe menos. A terceira vez, entreguei-o friamente à polícia, por estar mendigando em um lugar público e tornar-se inconveniente”⁵.

Por outro lado, a resposta na perspectiva da transcendência é a dura constatação da ausência de D'us, um D'us que se omite, que esconde o seu rosto. Ou, em outras palavras: trata-se, portanto, de um D'us que não tem rosto, uma vez que o ser humano, sua carne, não é mais o local da revelação desse D'us e nem sequer daqueles traços que reputamos autenticamente humanos.

Então, uma nova pergunta emerge das entranhas: D'us meu, D'us meu, porque me desamparaste? O sentimento de abandono total faz-nos perceber que a existência de D'us só tem sentido na medida em que eleva a dignidade humana, caso contrário, ela carece de significado para nós.⁶

4. MARX, Karl. Introdução à Contribuição para a Crítica da Economia Política, 1859. In: <http://www.pcb.org.br/textos/contri%E/%Eo%para%20Cr%EDtica%20da%20Economia%20Pol%EDtica.pdf>, p. 3.

5. MELLO, Anthony. *O Enigma do Iluminado*. São Paulo: Loyola, 1981, p. 66.

6. SCHILLEBEECKX, Edward H. *Jesus. La história de un viviente*. Madri: Cristiandad, 1981, p. 562.

Um grito na ausência e uma ausência que grita

Numa visão clássica, a questão da mística evoca em nós a idéia de um conjunto de práticas mediante as quais as pessoas seriam capazes de entrar em comunhão com a divindade. Afinal, fomos educados na fé pensando que podemos conhecer Deus fazendo determinados atos. Na religião judaica assegurava-se que a obediência à lei e a circuncisão permitiam o contato com D'us. No cristianismo primitivo o conflito entre Paulo e Pedro é, justamente, sobre o que garante a comunhão com D'us: a fé ou as obras.

Em outras palavras, sempre que se falou ou se fala em D'us apresentam-se apenas duas perspectivas diferentes: a de um D'us que nos retribui conforme nossas ações e aquela de um D'us que se revela. Porém, não obstante às diferenças que ambas as perspectivas apresentam, elas possuem um elemento em comum que é a convicção de um D'us que responde aos apelos humanos e perante o qual coloca-se a questão: *Senhor, o que queres que eu faça?*

Por esta razão tem se insistido, de maneira muito contundente, na idéia de um D'us que se manifesta no silêncio, quando tudo se faz calma (1Sm 3,1-10); um D'us que ouve os clamores do povo, conforme o expressa o salmista:

Na minha angústia, invoquei o Senhor, gritei por socorro ao meu Deus. Ele do seu templo ouviu a minha voz, e o meu clamor lhe penetrou os ouvidos (Sl 18,6).

Trata-se, ainda, de um D'us que nos molda, conforme os seus desígnios:

Dispõe-te, e desce à casa do oleiro, e lá ouvirás as minhas palavras. Desci à casa do oleiro, e eis que ele estava entregue à sua obra sobre as rodas. Como o vaso que o oleiro fazia de barro se lhe estragou na mão, tornou a fazer dele outro vaso, segundo bem lhe pareceu. Então, veio a mim a palavra do Senhor: Não poderei eu fazer de vós como fez este oleiro, ó casa de Israel? – diz o Senhor; eis que, como o barro na mão do oleiro, assim sois vós na minha mão, ó casa de Israel (Jr 18,2-6).

De maneira semelhante se expressa o profeta Isaías, na seguinte passagem:

Já ninguém há que invoque o teu nome, que se desperte e te detenha; porque escondes de nós o rosto e nos consumes por causa das nossas iniquidades. Mas agora, ó Senhor; tu és nosso Pai, nós somos o barro, e tu, o nosso oleiro; e todos nós, obra das tuas mãos (Is 64,6-7).

O que mais chama a atenção na passagem anterior não é a semelhança entre o texto de Isaías e aquele de Jeremias, mas o primeiro versículo desta última passagem. Nela evidencia-se a imagem de um D'us que esconde o seu rosto. Isto nos leva a fazer uma consideração fundamental: torna-se necessário re-significar o próprio conceito de mística, mudando o foco principal do seu conteúdo.

Para tal, partimos da consideração de que toda vez que ouvimos falar em mística, nessa relação mais íntima do ser humano com D'us, a ênfase sempre vem colocada no lado humano, no modo como alcançar a comunhão por D'us. Se mística, de *mysthes*, sig-

nifica fechar os olhos e a boca, é não ver e calar-se: porque isto tem que se referir necessariamente aos seres humanos?⁷ E se quem se fecha os olhos, quem se cala, fosse D'us?

No Israel antigo, em meio à disputa pela monolatria, os adoradores de Yhwh sustentam que é Baal quem se cala (1Rs 18,19-39). Em contrapartida Yhwh é um D'us que ouve os clamores do povo e lhe responde.

Não obstante, com o decorrer do tempo, aquela certeza de que D'us sempre nos responde, que toma partido em favor das pessoas empobrecidas (Ex 3,7-9), vem a ser jogada por terra. Isso não ocorre de forma automática, mas podemos descobrir diferentes variantes desta mudança.

Em algumas passagens D'us é apresentado como o responsável pela situação de sofrimento das pessoas, mas ainda assim clama-se pela sua intervenção:

Chegue à tua presença a minha oração, inclina os ouvidos ao meu clamor. Pois a minha alma está farta de males, e a minha vida já se abeira da morte. Sou contado com os que baixam à cova; sou como um homem sem força, atirado entre os mortos; como os feridos de morte que jazem na sepultura, dos quais já não te lembras; são desamparados de tuas mãos. Puseste-me na mais profunda cova, nos lugares tenebrosos, nos abismos. Sobre mim pesa a tua ira; tu me abates com todas as tuas ondas. Apartaste de mim os meus conhecidos e me fizeste objeto de abominação para com eles; estou preso e não vejo como sair. Os meus olhos desfalecem de aflição; dia após dia, venho clamando a ti, Senhor, e te levanto as minhas mãos. Mostrarás tu prodígios aos mortos ou os finados se levantarão para te louvar? Será referida a tua bondade na sepultura? A tua fidelidade, nos abismos? Acaso nas trevas se manifestam as tuas maravilhas? E a tua justiça, na terra do esquecimento? Mas eu, Senhor, clamo a ti por socorro, e antemanhã já se antecipa diante de ti a minha oração. Por que rejeitas, Senhor, a minha alma e ocultas de mim o rosto? Ando aflito e prestes a expirar desde moço; sob o peso dos teus terrores, estou desorientado. Por sobre mim passaram as tuas iras, os teus terrores deram cabo de mim. Eles me rodeiam como água, de contínuo; a um tempo me circundam. Para longe de mim afastaste amigo e companheiro; os meus conhecidos são trevas (Sl 82,2-18).

Ora, esta noção de um D'us que castiga está muito introjetada em nosso imaginário religioso, que não poucas vezes afirmamos que os pobres sofrem porque D'us de alguma forma os castigou, enquanto que se encontramos uma pessoa próspera dizemos que foi graças a D'us.

E como já foi dito antes, quando nós fazemos isto estamos afirmando que as pessoas pobres são diretamente responsáveis pela sua condição de miserabilidade, negando-nos a enxergar o conjunto de injustiças que hoje vigoram em nossa sociedade.

Em outras passagens bíblicas a crítica a esse D'us que castiga é apresentada de maneira mais contundente:

7. Nota da Redação: Uma definição um pouco diferente de mística é dada no artigo de Paulo Ueti, p. 94.

Então, Jó respondeu: Oh! Se a minha queixa, de fato, se pesasse, e contra ela, numa balança, se pusesse a minha miséria, esta, na verdade, pesaria mais que a areia dos mares; por isso é que as minhas palavras foram precipitadas. Porque as flechas do Todo-Poderoso estão em mim cravadas, e o meu espírito sorve o veneno delas; os terrores de Deus se arregimentam contra mim. Zurrará o jumento montês junto à relva? Ou mugirá o boi junto à sua forragem? Comer-se-á sem sal o que é insípido? Ou haverá sabor na clara do ovo? Aquilo que a minha alma recusava tocar, isso é agora a minha comida repugnante. Quem dera que se cumprisse o meu pedido, e que Deus me concedesse o que anelo! Que fosse do agrado de Deus esmagar-me, que soltasse a sua mão e acabasse comigo! (Jó 6,1-9).

A deterioração da vida humana não é algo fácil de suportar. Neste sentido, resultam falsas as afirmações corriqueiras como: *está na rua porque é vagabundo*, ou, *não trabalha porque não quer*, entre outras. A passagem acima nos leva a perceber que:

- a) Nenhuma pessoa gosta de viver em situação de miserabilidade, na qual está exposta às mais degradantes condições: violência, falta de moradia, higiene, saúde, alimentação, etc.
- b) A situação de degradação da vida não é mero resultado de opções pessoais (embora isto também possa influenciar), mas consequência direta do sistema econômico vigente em nossa sociedade.
- c) Diante de toda essa situação, perante o sofrimento e injustiça, torna-se necessário chamar D'us a julgamento (Jó 24,1).

Mas, chamar D'us a julgamento não resolve a questão, haja vista que – num conjunto significativo de passagens, centrais para a perspectiva que estamos tentando construir – o ser humano não encontra resposta para seus clamores. D'us permanece calado perante seus apelos:

*Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?
porque se acham longe de minha salvação
as palavras do meu bramido
D'us meu, clamo de dia, e não me respondes,
porém, de noite não tenho sossego (Sl 22,1-2).*

O sentimento de desamparo colocado no versículo primeiro, na verdade é a consequência direta do silêncio de D'us, do qual se fala no versículo segundo. Contudo, não pensemos que a falta de sossego da qual fala o salmista seja mera consequência desse silêncio de D'us. Ao contrário disso, ela é fruto da situação específica na qual a pessoa se encontra.

Sendo ainda mais radicais, percebemos um D'us que se compraz com o sofrimento das pessoas, como diria Habacuc:

Tu és tão puro de olhos, que não podes ver o mal e a opressão não podes contemplar; por que, pois, toleras os que procedem perfidamente e te calas quando o perverso devora aquele que é mais justo do que ele? (Hab 1,13).

Diante de toda esta situação, não se consegue mais reconhecer o rosto de D'us, aliás, trata-se de um D'us que esconde o seu rosto: *Por que, Senhor, te conservas longe? E te escondes nas horas de tribulação?* (Sl 10,1).

Se D'us esconde o seu rosto, a ponto de não reconhecê-lo, se ele fecha os ouvidos perante nosso sofrimento, significa que estamos falando de um D'us que está ausente e, portanto, nossos clamores caem no vazio.

Assim, D'us está presente no local da ausência. Mas, trata-se de um tu impreciso, que é ninguém, como o expressam as palavras de Paul Celan:

*Ninguém nos plasma de novo de terra e argila,
ninguém fala sobre o nosso pó [...] louvado sejas tu, ninguém.
Por amor a ti queremos florescer.
Rumo a ti*⁸.

Ausência que encontra seu ápice no momento da morte de Jesus, na cruz. No completo abandono das pessoas amigas, dos parentes e mesmo dos seus conterrâneos, Jesus evoca o salmo 22 e morre (cf. Mt 27,46-50 e Mc 15,34-37).

Nestas passagens, reconhecemos uma dupla ausência: aquela de D'us Pai/Mãe, que não se manifesta diante do sofrimento do seu filho e a ausência de D'us no mundo, decorrente da própria morte de Jesus.

Provavelmente, a maioria de nós, cristãos e cristãs, ainda não percebemos que é, exatamente, isto que celebramos, desde a Sexta-feira santa até a vigília da ressurreição: a morte de D'us e o seu vazio no mundo. Talvez esteja na hora de fazermos um *mea culpa* por todo o tempo que passamos sem viver, com intensidade, este momento de luto, de perda.

Mas, além disso, também deveríamos nos perguntar por outras perdas que carregamos conosco, por outras ausências, tentando compreender o que elas significam ou significaram para nós.

Ausência e presença que se misturam e que podem nos ajudar a compreender, com maior profundidade, a experiência vivida na carne por milhares de pessoas empobrecidas, muitas das quais encontramos diariamente. Deveríamos, então, nos perguntar: o que significa para nós que milhares de pessoas morram diariamente de fome? Como reagimos diante daquelas pessoas que dormem na rua das calçadas? E não falo aqui, necessariamente, de todas as pessoas que dormem na rua, mas lembro-me daquela jovem – cuja mãe a abandonou – e que dorme na calçada da minha rua. Mais ainda, deveríamos nos perguntar: o que concretamente fazemos para que toda essa situação não continue a se perpetuar?

Diante desse silêncio, o ser humano não pode contar com ninguém, a não ser consigo mesmo. Mas ele próprio está cansado, esgotado e parece não encontrar forças para resistir.

8. CELAN, Paul. *Salmo*. In: *Sete Rosas Mais Tarde*. Antologia Poética, edição bilíngüe, trad. port. de João Barrento e Y. K. Centeno. Lisboa: Cotovia. 2. ed., 1996.

Assim, quando nos transpomos para os dias atuais, passagens como a do salmo 22,1 ou mesmo a de Mateus 23,46s permitem-nos compreender a profundidade de Serrat quando numa das suas músicas nos diz:

*Cuando el jilguero no puede cantar
Cuando el poeta es un peregrino,
Cuando de nada nos sirve rezar
Caminante no hay camino
Se hace camino al andar*⁹.

Não se trata de um vazio que careça de sentido ou que leve à imobilidade. Trata-se, na verdade, na possibilidade real da emergência das pessoas pobres no terreno político, como força de transformação e reestruturação social. Mas não pensemos esta questão de modo idealista: mister se faz que nos reconheçamos (enquanto pobres) como classe e classe revolucionária.

Por esta razão, afirmamos que a partir dessa (aparente) solidão total que o ser humano tem a possibilidade de reencontrar-se consigo mesmo e com as demais pessoas e reafirmar o sentido próprio da vida.

Há um grito na ausência, que não encontra resposta, que por vezes se perde no vazio e que faz com que a garganta fique rouca de tanto gritar. Mas o corpo continua a clamar a palavra impronunciada/impronunciável. Há uma ausência que grita... ausência de D'us no mundo, porque ausência de dignidade, de justiça, de pão, de terra, de uma outra sociedade.

E como diria o poeta:

*Seu José, mestre carpina,
que diferença faria
se em vez de continuar
tomasse a melhor saída:
a de saltar, numa noite,
fora da ponte e da vida?
[...]*

*Severino, retirante,
deixe agora que lhe diga:
eu não sei bem a resposta
da pergunta que fazia,
se não vale mais saltar
fora da ponte e da vida
nem conheço essa resposta,
Se quer mesmo que lhe diga
é difícil defender,
só com palavras, a vida,*

9. Joan Manoel Serrat. *Dedicado a Antonio Machado, poeta*. Trilha 1: Cantares, 1979.

*ainda mais quando ela é
esta que vê, severina,
mas se responder não pude
à pergunta que fazia,
ela, a vida, a respondeu
com sua presença viva.*

*E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar, como há pouco,
em nova vida explodida
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida
como a de há pouco, franzina
mesmo quando é a explosão
de uma vida severina.¹⁰*

Sentir D'us de uma outra maneira...

*O silêncio e vazio são tão grandes
que olho mas não vejo,
escuto mas não ouço,
a língua se move (durante a oração)
mas não fala.*

Madre Teresa de Calcutá

A realidade de pobreza, exclusão e desigualdade social continuam a ser, ainda hoje, o grande desafio ao qual devemos responder. Neste sentido, nossa análise tem como eixo central o cotidiano das pessoas empobrecidas. Delas, procuramos perscrutar os seus clamores, que na maioria das vezes não encontra resposta.

Foram exatamente esses clamores que nos levaram a repensar a questão da mística, de modo a desconstruir todo um ideário presente no senso religioso comum, re-significando o termo e construindo uma outra noção, mais conatural com a existência humana.

Isto nos levou a percorrer caminhos muitas vezes esquecidos e negligenciados por nós e pelas nossas Igrejas. Assim, falamos de D'us a partir da sua ausência, experiência que perpassa o conjunto de relatos bíblicos, mas que também é possível reco-

10. MELO NETO, João Cabral de. *Morte e Vida Severina*. In: www.culturabrasil.org/zip/morteevidaseverina.pdf, p. 31-32.

nhecer ao longo da história da Igreja, como bem o expressam as palavras de Madre Teresa de Calcutá.

Assim também, em seu dia-a-dia, as pessoas empobrecidas nem sempre falam de D'us como quem está a nosso lado, para nos fortalecer, acompanhar e fortalecer. Ao contrário disso, muitas vezes as pessoas não encontram D'us, não reconhecem sua presença, pois o mundo não se apresenta mais como revelação de D'us, mas como sua negação. Negação de D'us porque negação da vida, da dignidade.

Assim, ao concluir estas palavras, esperamos que as mesmas possam, de algum modo, contribuir e colocar-se a serviço de todas aquelas pessoas que em algum momento viveram ou vivem a experiência da ausência de D'us em suas vidas: crentes; quem duvida; quem procura e quem é ateu.

Finalmente, entendemos que os acontecimentos de cada dia constituem a palavra viva, que algumas vezes nos falam da presença de D'us e outras vezes da ausência de D'us no mundo. Assim, também, estamos convencidos da necessidade de reconstruir a vida e a dignidade humana como condição para que possamos pensar a possibilidade de reconhecer a presença de D'us no mundo.

Bibliografia

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e Vida Severina: e outros poemas em voz alta*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1987. In: www.culturabrasil.org/zip/morteevidaseverina.pdf

CELAN, Paul. "Salmo" in *Sete Rosas Mais Tarde. Antologia Poética*, edição bilíngüe, trad. port. de João Barrento e Y.K. Centeno. Lisboa: Cotovia, 1996 (2ª edição).

ELLACURIA, Ignacio. Los pobres lugar teológico en América Latina. In: *Misión Abierta*, Noviembre, vol. 74, 1981.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Falar de Deus a partir do sofrimento do inocente*. Petrópolis: Vozes, 1987.

MARX, Karl. *Introdução à Contribuição para a Crítica da Economia Política, 1859*. [Http://www.pcb.org.br/textos/contri%E/%Eo%para%20Cr%EDtica%20da%20Economia%20Pol%EDitica.pdf](http://www.pcb.org.br/textos/contri%E/%Eo%para%20Cr%EDtica%20da%20Economia%20Pol%EDitica.pdf).

MELLO, Anthony de. *O enigma do Iluminado*. São Paulo: Loyola, 1991.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

SERRAT, Joan Manuel. *Dedicado a Antonio Machado, poeta*. 1979.

SCHILLEBEECKX, E. *Jesus. La história de un viviente*. Madri: Cristiandad, 1981.

Daniel S. Pereira
Alameda Barão de Limeira, 1141 – Apto. 54
Campos Elíseos
01202-002 São Paulo/SP
dsan31@gmail.com